



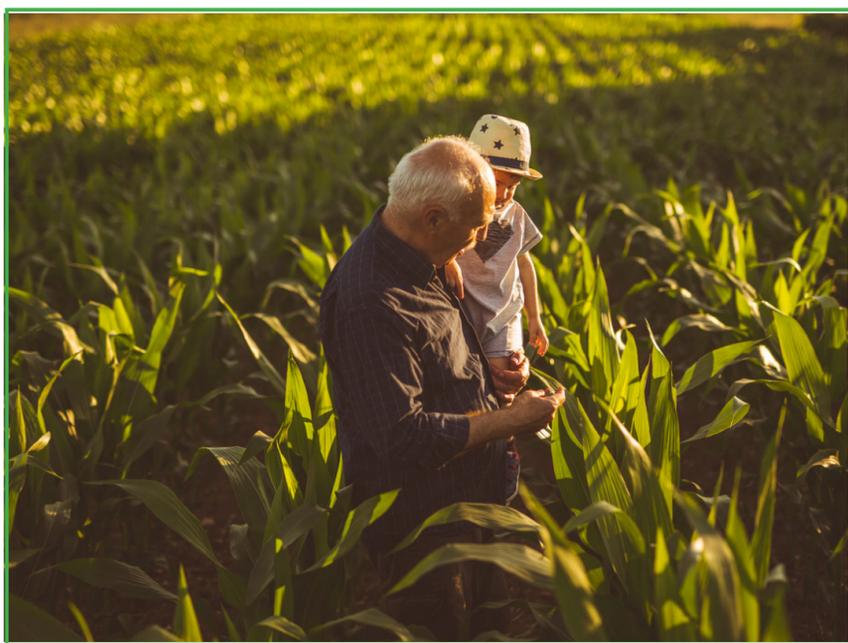
MARIADITA

SENEPOL

JAGUARIÚNA



Sucessão: Por que fazer uma holding patrimonial? (1)



Se você ainda tem dúvidas do que é e quais são as vantagens que estão envolvidas na criação de uma holding, vamos nos próximos artigos tentar de uma forma simples sanar algumas destas dúvidas. Boa leitura.

De uma maneira simplificada, a holding patrimonial é um contrato que tem a finalidade de dar proteção e facilitar a gestão do seu patrimônio de uma maneira mais eficiente e menos onerosa, e ainda reduz consideravelmente todos os custos de uma sucessão dos bens aos herdeiros.

O QUE É HOLDING PATRIMONIAL?

Em linhas gerais, holdings são “empresas” que são formadas visando gerenciar bens próprios, sendo estes o patrimônio de pessoas ou de famílias, podendo ainda ter a finalidade de organizar o modo operacional de um grupo econômico. Ressaltando que uma holding pode conter diferentes tipos de bens e não só os imóveis, mas também ações de empresas, quotas societárias de outras empresas, aplicações fi-

nanceiras e outras.

Se temos como finalidade principal o gerenciamento do patrimônio seja ele familiar ou individual, que nestes casos na grande maioria são compostos por bens imóveis, estamos tratando então de uma holding patrimonial.

A constituição de uma holding patrimonial resume-se em estabelecer uma pessoa jurídica que nesta será integralizado como capital social os bens do patriarca/matriarca de uma família, e devido a este fato, costuma-se também chamá-la de holding familiar.

Não diferente de qualquer empresa a holding terá em seu objeto social a definição dos seus atos constitutivos que deverão ser registrados na Junta Comercial. É importante deixar bem claro que a sua finalidade não se resume apenas em proteger e a facilitar a gestão desses bens, mas assim como ela gera benefícios fiscais e traz com certeza uma tranquilidade e economia no momento da sucessão.

POR QUE UMA HOLDING FACILI-

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação. E como sempre finalizo, tchaaaau obrigado!!

TA E DESONERA O PLANEJAMENTO SUCESSÓRIO?

Além da dor enfrentada no momento da morte e o alto custo financeiro de um inventário, quem de nós nunca ouviu falar ou não passa na sua própria família grandes desentendimentos e brigas judiciais sem fim?

Sendo assim buscando diminuir toda essa situação desse custo financeiro e psicológico, é que se faz importante e necessário a aplicação de um planejamento sucessório, que é a famosa holding. Se algum de vocês que já assistiu alguma palestra ou vídeo meu sobre o assunto, sabe o quanto bato na tecla de provocar vocês a falarem sobre o tema o quanto antes, visando as vantagens beneficiadas por este instrumento.

E por falar em vantagens, devo destacar

que a partilha será realizada ainda em vida, ato que quase “zera” as possibilidades de no futuro haver um desentendimento entre os familiares, pois todos envolvidos saberão desde já a sua participação no patrimônio como um todo, e falando no patrimônio, ressalto que este é apenas transmitido na forma documental, continuando o titular com o domínio de todos os bens transmitidos, usufruindo destes e até dos seus rendimentos, seja por meio de locação ou venda.

Na próxima edição trarei um pouco mais sobre o assunto. Até lá!

Dr. Caius Godoy (Dr. Da Roça), Advogado e Presidente da Comissão de Agronegócios e Assuntos Agrários da OAB Jaguariúna.

e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br

Contratações do crédito rural somam R\$ 209 bilhões em nove meses



zação e R\$ 12,8 bilhões para a industrialização.

Todas as regiões apresentaram aumento no valor do crédito concedido aos produtores rurais, com destaque para a Região Norte, pela elevação tanto no número de contratos quanto no valor, sendo o Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO) e a Poupança Rural Controlada as principais fontes de recursos utilizados.

No agregado, as fontes de recursos mais representativas foram Poupança Rural Controlada (R\$ 47,4 bilhões), Recursos Obrigatórios (R\$ 44,4 bilhões), LCA (R\$ 33,7 bilhões) e Poupança Livre (R\$ 31,0 bilhões); as quais representam 75% de participação do total liberado pelas Instituições Financeiras aos produtores rurais.

Os números fazem parte do Balanço de Desempenho do Crédito Rural, divulgado nesta sexta-feira (8) pela Secretaria de Política Agrícola (SPA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.



Os investimentos sem vinculação a programa específico (financiamentos contratados com recursos dos fundos constitucionais e com recursos livres) superaram a programação inicial de recursos, principalmente com a suspensão, desde

fevereiro, da contratação dos financiamentos equalizáveis em decorrência do esgotamento dos recursos orçamentários para a equalização de juros. A procura por fontes não equalizadas materializou-se como a alternativa para a continuidade dos financiamentos.

Apesar dessa interrupção, ainda foram registradas algumas liberações de recursos nesse período, provavelmente oriunda de operações iniciadas e aprovadas antes dessa determinação. Como alternativa de apoio, os produtores podem recorrer aos financiamentos com recursos não equalizados, aí incluídos os realizados com os recursos obrigatórios, como os dos fundos constitucionais de financiamento e com os recursos livres.

Método auxilia produtor a monitorar e aumentar a produtividade do rebanho leiteiro

Versátil, o iECC pode ser aplicado em qualquer rebanho leiteiro do Brasil.

Novo método desenvolvido pela Embrapa permite realizar rápido diagnóstico da propriedade e gera informações valiosas sobre o rebanho e auxilia os produtores de leite em tomadas de decisões na busca pelo máximo potencial produtivo. Trata-se do índice de escore de condição corporal (iECC) para vacas de leite, ferramenta inédita que pode ser aplicada em qualquer propriedade de leite, seja ela pequena, média ou grande.

Esse índice pode ser obtido por técnicos e produtores rurais de maneira gratuita e prática. Está disponível no aplicativo +Leite, desenvolvido pela Embrapa Rondônia e o Instituto Federal de Rondônia (Ifro) e acessível para dispositivos com sistema Android. O iECC também pode ser obtido em uma planilha Excel automatizada, desenvolvida pela Embrapa e que pode ser baixada gratuitamente. Em ambos

os meios, basta inserir os dados de escore de condição corporal (ECC) de cada vaca e a data do parto. Com isso, automaticamente é gerado o iECC do rebanho de acordo com a fase de lactação. A planilha é recomendada para o usuário que não tenha acesso ao aplicativo, ou que tenha rebanho grande e utilize programas digitais de gestão, facilitando a inserção dos dados e a obtenção do iECC dos animais. O pesquisador da Embrapa responsável pela criação do índice, Luiz Pfeifer, explica que é de fundamental importância que o produtor use as informações do escore de condição corporal do rebanho em todas as fases de produção do animal e de maneira sistemática na propriedade. “Isso pode levar o produtor a obter o máximo potencial produtivo de seu rebanho”, afirma.

Simple e acessível ao produtor Com o novo método desenvolvido, de forma acessível e simples, técnicos e produtores podem fazer um diagnóstico da exploração do

potencial produtivo do rebanho e assim estabelecer medidas de manejo nutricional e reprodutivo para aumentar a produtividade do rebanho. Além disso, o iECC estabelece uma métrica para que a evolução produtiva do rebanho possa ser avaliada e compara rebanhos entre si. “Nosso intuito é que a transformação de dados de ECC em um índice, o iECC, possa tornar a avaliação do escore de condição corporal uma prática a ser cada vez mais adotada em propriedades leiteiras do Brasil”, acrescenta Pfeifer.

Acesso prático às informações pode aumentar a produtividade O iECC para vacas de leite foi validado por estudo realizado pela Embrapa Rondônia em um rebanho de 2.050 vacas em lactação, no estado do Paraná. A validação indicou que vacas classificadas com o iECC excelente têm maior produção leiteira e melhor fertilidade do que vacas com iECC menor. Além disso, vacas que ao parto apresentam melhor

iECC têm maior probabilidade de ficarem prenhas mais cedo e, conseqüentemente, são as que possuem menor intervalo entre partos, que, segundo Pfeifer, é um dos principais fatores que afetam a produtividade do rebanho.

O pesquisador aponta que a avaliação do ECC e a consequente transformação desse dado em um índice como o iECC, vai muito além de uma prática nutricional, pois seu manejo adequado em propriedades leiteiras pode influenciar diretamente no rendimento do leite, na saúde do rebanho, no desempenho reprodutivo, no bem-estar animal e na lucratividade geral da fazenda. Pfeifer afirma que o iECC é mais adequado que o uso simples de dados de ECC para avaliar como o potencial produtivo do rebanho está sendo explorado. “Realizar médias do ECC das vacas pode levar a uma subestimação de falhas principalmente no manejo nutricional com efeitos negativos em todo sistema de produção”, aponta.

Como calcular o iECC



Para se calcular o iECC de um rebanho o primeiro passo é avaliar o ECC de todas as vacas, sejam elas lactantes ou secas. As vacas são classificadas em uma escala de 1 (muito magra) a 5 (obesa) com incrementos de 0,25 unidades de ECC. Em seguida, é preciso avaliar se cada animal se encontra com ECC dentro do recomendado de acordo com sua fase de lactação. Para o cálculo do iECC, todas as vacas avaliadas são categorizadas de acordo com as seguintes fases de produção: 1) vacas com até 100 dias em lacta-

ção; 2) vacas entre 100 e 200 dias de lactação; 3) vacas entre 200 e 305 dias de lactação; e 4) vacas com mais de 305 dias, secas ou ao parto.

Obtidos os dados de ECC de acordo com cada fase, basta inserir-los no aplicativo +Leite ou na planilha e o iECC é gerado automaticamente. O usuário precisará de internet apenas para baixar o aplicativo ou a planilha, pois todas as funcionalidades ficam disponíveis no modo off-line (sem necessidade de internet).

Caso o produtor não saiba avaliar o ECC do animal de maneira visual, a régua Vetscore, ferramenta simples desenvolvida pela Embrapa Rondônia, pode auxiliar na identificação de animais com ECC adequado. O dispositivo Vetscore é formado por duas réguas articuladas que, ao serem posicionadas sobre a garupa do animal, indicam sua condição corporal.

Os detalhes com o passo a passo utilizado para a elaboração deste índice, os cálculos e mais informações podem ser acessadas no comunicado técnico.

Foto: Leonardo Gomes

Aplicativo +Leite



Para se calcular o iECC de um rebanho o primeiro passo é avaliar o ECC de todas as vacas, sejam elas lactantes ou secas. As vacas são classificadas em uma escala de 1 (muito magra) a 5 (obesa) com incrementos de 0,25 unidades de ECC. Em seguida, é preciso avaliar se cada animal se encontra com ECC dentro do recomendado de acordo com sua fase de lactação. Para o cálculo do iECC, todas as vacas avaliadas são categorizadas de acordo com as seguintes fases de produção: 1) vacas com até 100 dias em lactação; 2) vacas entre 100 e 200 dias de lactação; 3) vacas entre 200 e 305 dias de lactação; e 4) vacas com mais de 305 dias, secas ou ao parto.

Obtidos os dados de ECC de acordo com cada fase, basta inserir-los no aplicativo +Leite ou na planilha e o iECC é gerado automaticamente. O usuário precisará de internet apenas para baixar o aplicativo ou a planilha, pois todas as funcionalidades ficam disponíveis no modo off-line (sem necessidade de internet).

Caso o produtor não saiba

avaliar o ECC do animal de maneira visual, a régua Vetscore ferramenta simples desenvolvida pela Embrapa Rondônia pode auxiliar na identificação de animais com ECC adequado. O dispositivo Vetscore é formado por duas réguas articuladas que, ao serem posicionadas sobre a garupa do animal, indicam sua condição corporal.

Os detalhes com o passo a passo utilizado para a elaboração deste índice, os cálculos e mais informações podem ser acessadas no comunicado técnico.

Foto: Leonardo Gomes

Sequenciamento do genoma de *Urochloa ruziziensis* potencializa melhoramento genético de espécies forrageiras

Experimento com capim braquiária (*Urochloa ruziziensis*) na Embrapa Cerrados, no Distrito Federal

Com o uso de tecnologias de sequenciamento de DNA e bioinformática de última geração, pesquisadores da Embrapa montaram o genoma da *Urochloa ruziziensis*, uma das gramíneas forrageiras mais utilizadas na agropecuária tropical, especialmente em sistemas de integração. As informações geradas a partir do genoma dessa espécie de braquiária darão suporte ao desenvolvimento de cultivares forrageiras de forma mais precisa e dinâmica. Dessa forma, os programas de melhoramento genético de forrageiras poderão solucionar problemas da agropecuária com maior eficiência e agilidade ao disponibilizarem cultivares melhoradas em menor tempo. (Leia também a matéria: Brasil desenvolve a sua primeira cultivar de *Braquiária ruziziensis*)

Marco Pessoa Filho, pesquisador da Embrapa Cerrados (DF), explica que a *U. ruziziensis* tem proximidade evolutiva com as demais espécies do gênero *Urochloa* mais utilizadas nas pastagens tropicais cultivadas – *U. brizantha*, *U. decumbens* e *U. humidicola*. Mas enquanto essas espécies são apomíticas, ou seja, se reproduzem de forma assexuada, gerando sementes clonais sem troca de material genético, a *U. ruziziensis* tem modo de reprodução sexual, por meio da troca de pólen.

Forrageira presente em mais de 80% das pastagens brasileiras



Nativos da África, os capins braquiária, atualmente classificados como do gênero *Urochloa*, são os mais cultivados no mundo tropical, sendo que no Brasil ocupam mais de 80% da área de pastagens cultivadas, segundo estimativas. Por outro lado, poucas cultivares são usadas nos plantios – daí a necessidade de disponibilização de novos genótipos para diversificar a genética das pastagens e diminuir a vulnerabilidade dos sistemas pastoris no País quanto a estresses bióticos, como pragas e doenças, e abióticos, como variações climáticas.

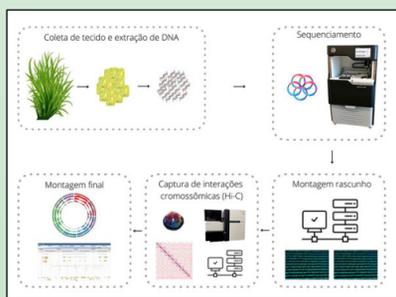
O problema é que os programas de melhoramento genético de espécies forrageiras necessitam de dez a 15 anos para desenvolver e lançar uma nova cultivar. A aplicação de métodos que usam informação genômica, como seleção genômica e seleção assistida por marcadores moleculares, tem o potencial de aumentar as taxas de ganho genético e reduzir os ciclos de seleção, tornando os programas de melhoramento mais rápidos.

O melhoramento genético apoiado por ferramentas genômicas já é realidade em culturas

como soja, milho e eucalipto. Com o sequenciamento genômico da *U. ruziziensis*, a Embrapa pode ser pioneira na aplicação dessas ferramentas em melhoramento de forrageiras tropicais, inserindo essas espécies na era da genômica.

Por essa característica, uma vantagem da *U. ruziziensis*, segundo o pesquisador, é a possibilidade de recombinar a diversidade genética da espécie por cruzamentos e de selecionar as melhores combinações por melhoramento genético clássico, sem as limitações das espécies apomíticas, cujas cultivares são geralmente obtidas a partir de acessos (amostras coletadas no campo e que representam a variação genética de uma população ou de um indivíduo propagado por clones), o que limita a variabilidade genética; ou por cruzamento entre diferentes espécies, o que em alguns casos pode resultar em problemas de compatibilidade e produção de sementes.

Além disso, a *U. ruziziensis* tem genoma diploide, ou seja, o DNA da planta está organizado em dois conjuntos de cromossomos (no caso dessa espécie, nove pares), enquanto as demais braquiárias cultivadas são poliploides, apresentando quatro, seis ou mais conjuntos de cromossomos. A espécie também foi escolhida para estudo por ter um genoma relativamente pequeno. “É um genoma mais simples de trabalhar quando comparado a outras braquiárias”, explica Pessoa.



“Ao melhorarmos geneticamente a *U. ruziziensis*, podemos tanto obter bons materiais para o desenvolvimento de cultivares dessa espécie (recombinação intraespecífica) como também apoiar o melhoramento das espécies apomíticas, fornecendo bons indivíduos sexuais que poderão ser cruzados com bons indivíduos apomíticos (recombinação interespecífica)”, acrescenta o pesquisador.

Ele lembra que a redução nos custos de novas tecnologias de genômica tem permitido aos grupos de pesquisa atuarem de forma independente, sem a necessidade do estabelecimento de grandes redes. No caso da montagem do genoma da *U. ruziziensis*, a equipe contou com a prestação de serviços de sequenciamento externos, realizando a maior parte do trabalho computacional na própria Embrapa.

Utilização

O genoma obtido nesse trabalho poderá ser utilizado em pesquisas sobre genômica, biologia avançada, genética, caracterização e uso de recursos genéticos em apoio a programas de melhoramento de gramíneas

forrageiras tropicais.

Ele servirá de base para a descoberta de variantes genômicas (posições no genoma que variam entre os indivíduos, podendo ser mutações, inserções ou deleções) que poderão ser aplicadas em plataformas de genotipagem para seleção genômica, estudos de associação entre genótipo (composição gênica do indivíduo) e fenótipo (características físicas do indivíduo), caracterização de germoplasma (material genético) e mapeamento genético, e para o aplicação de novas tecnologias de edição gênica, como CRISPR.

“O genoma em si deixou de ser o objetivo final da pesquisa. Hoje, ele é o ponto de partida para o desenvolvimento de ferramentas de apoio ao melhoramento”, analisa o pesquisador. Assim, após o sequenciamento do genoma, têm sido descobertas, em um novo projeto de pesquisa, variantes genômicas para aplicação futura em plataformas de genotipagem. “Nossa expectativa é de que possamos, em breve, calibrar modelos de predição baseados em informação genômica para características de interesse como produtividade de biomassa e de sementes”, exemplifica Pessoa para o caso das espécies forrageiras.

Além disso, a expertise obtida com o sequenciamento genômico da *U. ruziziensis* poderá ser transferida a grupos de pesquisa em genética e melhoramento de outras espécies forrageiras na Embrapa, incentivando a obtenção de novos genomas e amplificando ainda mais o impacto e os benefícios proporcionados pela tecnologia.

“Estamos produzindo bases sólidas de conhecimento para apoiar os trabalhos de melhoramento genético em médio e longo prazo. A descoberta de variantes ancorada em genomas de referência de qualidade permitirá uma escolha informada de marcadores para implementação de plataformas de genotipagem com finalidades específicas”, diz o pesquisador, acrescentando que essa abordagem já vem sendo utilizada com sucesso pela Embrapa em espécies como o eucalipto.

A pesquisa de sequenciamento genômico da *U. ruziziensis* contou com recursos de R\$ 187,8 mil da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) e teve contribuição de pesquisadores da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia e da Embrapa Gado de Leite.

Os dados genômicos estão disponíveis publicamente para download no National Center for Biotechnology Information (NCBI). Dados de predição e anotação de genes e de localização de polimorfismos de base única (SNPs) estão armazenados em banco de dados interno, implementado na plataforma Machado, desenvolvida por pesquisadores da Embrapa Agricultura Digital.

O sequenciamento

Amostras foram enviadas ao Centro de Inovação Genome Quebec, na Universidade McGill, no Canadá, onde o material genético foi lido e “traduzido”

para um extenso texto com sequências de letras que representam as bases nitrogenadas (adenina, guanina, citosina e timina) que compõem a molécula do DNA. O projeto utilizou tecnologia de sequenciamento de terceira geração (veja os passos no desenho abaixo), baseada em longos fragmentos de DNA, em equipamento PacBio Sequel. Esse texto com dados brutos recebeu correções e foi montado com o uso do software Falcon-Unzip, gerando um primeiro rascunho do genoma, composto por milhares de sequências chamadas contigs. “São grandes fragmentos de DNA, mas ainda sem nenhuma informação sobre sua localização, por exemplo, em cromossomos”, diz Pessoa.

As etapas do sequenciamento de terceira geração

O passo seguinte foi obter informações sobre interações entre os cromossomos, uma vez que o DNA da *U. ruziziensis*, como o de qualquer espécie viva, mais se assemelha a um novelo entrelaçado. A partir do rascunho inicial e de dados de sequenciamento que capturam informações de interação cromossômica, uma empresa de biotecnologia identificou, utilizando a tecnologia Hi-C, pontos de interação entre contigs. Isso permitiu o agrupamento e a orientação dos milhares de contigs do rascunho em grandes grupos chamados scaffolds (de andaime, em inglês), que potencialmente representam os cromossomos da *U. ruziziensis*. Foram obtidos nove grandes scaffolds, o mesmo número básico de cromossomos da espécie.

Com essas informações, foi possível montar a primeira versão do genoma da gramínea forrageira, em escala cromossômica, com tamanho de 604 milhões de pares de bases nitrogenadas (Mpb), representando 98% do tamanho total, estimado em cerca de 615 Mpb. O modelo estrutural obtido pela pesquisa contém 2.348 contigs organizados em nove scaffolds cromossômicos.

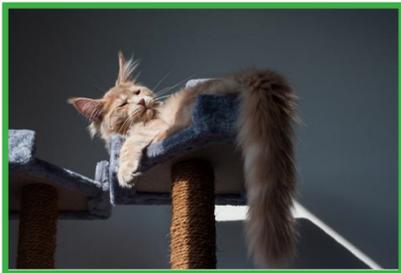
Em seguida, foi realizado um estudo de predição de genes na montagem, utilizando dados de sequenciamento de RNA (ácido ribonucleico, molécula formada a partir do DNA que atua na síntese de proteínas, expressando as informações do DNA) ou RNAseq a partir de cinco tecidos – folha, haste, haste reprodutiva, inflorescência e raiz – do mesmo clone de *U. ruziziensis* utilizado no sequenciamento do genoma. Dados de RNAseq de outros 11 acessos de *U. ruziziensis* disponíveis em bancos de dados públicos também foram utilizados nessa etapa.

O mapeamento desse conjunto de dados no genoma auxiliou na identificação de cerca de 40 mil modelos gênicos – regiões do genoma correspondentes aos genes e que representam, em tese, a porção “funcional” do genoma. Eles são identificados por softwares que procuram padrões típicos de regiões gênicas em sequências de DNA, além de usarem informações adicionais, como as geradas pelo RNAseq.

DICAS DO MUNDO PET

Enriquecimento vertical para gatos

Hoje eu venho trazer mais uma dica para o bem-estar do seu felino, e dessa vez vou falar sobre algo que nós amamos muito: o enriquecimento vertical!



Sabemos que os nós gatos somos animais domesticados pelos humanos há muito tempo, mas ainda guardamos muitas características que tínhamos na natureza, como o ato de enterrar as fezes, o instinto de caça e subir em locais altos, por exemplo.

Respeitar nossos instintos é importante, porque ajuda a termos uma melhor adaptação em casa e sermos bem mais felizes. Por isso, quando falamos de enriquecimento vertical, não se trata de um mimo ou luxo, mas sim de uma necessidade.

Benefícios do enriquecimento vertical

O primeiro benefício é a segurança. Nas alturas nós sentimos mais segurança, pois conseguimos analisar tudo o que acontece ao nosso redor, além da possibilidade de nos escondermos quando queremos um momento de paz.

Outro ponto positivo é que ter locais para subir ajuda a eliminar o nosso tédio. Ficar somente em lugares baixos pode deixar o seu gatinho bem entediado, o que pode ocasionar em vários problemas comportamentais – depois, quando seu felino ficar subindo na cortina, não diga que eu não avisei.

Nós gatos somos animais semi-arborícolas, ou seja, é natural que a gente goste de subir em locais altos. E se tem uma coisa que eu garanto, é que quando o enriquecimento vertical não acontece, nós mesmos damos um jeito de subir em algum lugar, que acaba sendo uma geladeira, estante, guarda-roupa e por aí vai. Nunca duvide da criatividade de um felino!



Como fazer um enriquecimento vertical

Ajustar a sua casa para o melhor bem-estar do felino não é um bicho de sete cabeças, mas também exige um pouco de planejamento.

Primeiro, pense em quais itens você irá utilizar para enriquecer as paredes da sua casa.

- Prateleiras: vão ajudar seu gatinho a subir nos outros itens. Você ainda encontra opções com comedouro e bebedouro, que já garantem um cantinho nas alturas para uma refeição tranquila.

- Pontes: você pode utilizar pontes entre as prateleiras para deixar o circuito mais divertido.

- Arranhadores: claro que ele não poderia faltar. Os arranhadores são sempre muito bem-vindos, e no enriquecimento vertical eles podem estar tanto na vertical quanto na horizontal. Você também pode encontrar prateleiras com material para arranhar, por exemplo.

- Cama suspensa: para descansar, nada melhor do que uma bela e confortável caminha. Feitas com ventosas muito firmes, seu bichano pode relaxar enquanto aprecia a vista da janela ou vê a movimentação da casa.

- Rede: para descansar, você também pode apostar em redes.

- Toca de nicho: ela não pode faltar no enriquecimento vertical do seu pet. As tocas são essenciais para que o seu gato tenha onde ir para se “esconder” no alto.

Pensando na montagem
O próximo passo depois de ter os itens para enriquecer o ambiente é planejar como eles serão postos, pensando na altura e no trajeto que seu felino vai percorrer.

O local em que ocorrerá esse enriquecimento vertical deve ser feito em um cômodo que tenha muita movimentação, como uma sala ou um quarto, por exemplo. Somos seres que gostam de ver tudo que acontece, portanto, você acha que vamos querer ficar onde ninguém passa?



A altura entre uma prateleira e outra deve ser colocada levando em consideração qual alcance seu gato consegue pular. Se ele não é de pular muito alto, nada de colocar distâncias absurdas entre uma prateleira e outra.

Lembrando que o trajeto entre as prateleiras deve levar o seu felino a algum lugar, como uma caminha ou uma toca. Além disso, é preciso que esse circuito tenha pelo menos uma entrada e uma saída, para evitar conflitos, principalmente se sua casa tiver dois gatos. Tendo uma entrada e uma saída, enquanto um felino entra, o outro pode sair pelo outro lado. Levando tudo isso em consideração, eu aposto que seu gato vai amar ainda mais o local.

O que levar na primeira vez do filhote à praia?

Um dos meus maiores receios quando tinha uma filhote em casa era levá-la à praia. Não sabia como apresentar o mar, a areia, o que seria necessário levar, o que fazer se ela engolisse água salgada ou até mesmo se corresse para longe. Ainda ficava me perguntando se ela ficaria doente, com verme, coceira, fungos. Coisas típicas de uma tutora de primeira viagem, mas que deixam todos bobos com esses pequenos, né?

Para facilitar a sua vida – e a do seu peludo – na hora do passeio, da corrida, da sombra ou até mesmo do mergulho nas águas salgadas deste Brasil, vou compartilhar aqui algumas dicas do que levar na primeira vez do seu filhote à praia. Assim, ele vai se divertir à beça e você poderá desfrutar de tudo com tranquilidade.

1 – Comece com uma praia menos movimentada

Ainda que seu filhote tenha um comportamento tranquilo em casa, saiba que a praia é um ambiente repleto de estímulos para ele. Olfativos, táteis, visuais, auditivos e até mesmo paladares. Na ânsia de querer explorar tudo de uma vez, sem saber por onde começar, ele pode se agitar e, em vez de uma experiência legal, o ambiente pode trazer fatores estressores.

Assim, leve seu filhote a uma praia menos movimentada, onde você possa fazer um controle adequado de estímulos.

2 – Atenção aos horários!

Aqui, a regra que vale para os humanos é ainda mais séria quando falamos sobre cães, já que a exposição solar provoca

queimadura no focinho e coxins, diminui a capacidade respiratória desses animais e pode, inclusive, levá-los a óbito.

Dessa forma, procure levar o seu cão à praia sempre antes das 10h ou depois das 16h, quando o sol ainda está mais fraco.

3 – Água por perto, sempre!

Filhotes são sempre filhotes e, normalmente, querem brincar o tempo inteiro, sem hora para parar. Mas é preciso parar, sobretudo para manter a hidratação.

Leve sempre uma garrafinha com água gelada ou, assim que chegar à praia, providencie o líquido em alguma barraquinha. Quando perceber que ele correu ou caminhou um pouquinho a mais, pare e ofereça.

4 – Adote o mantra: coleira, guia e plaquinha

Sabemos que é lindo ver um cão correndo solto na praia, mas também pode ser muito perigoso. Ele pode correr para o mar, para perto de pessoas que têm fobias, pode comer algo tóxico e até mesmo fugir. Então o mais indicado é mantê-lo com o combo coleira, plaquinha de identificação e guia.

No mercado pet, já existem guias longas e até mesmo que podem ser presas à sua cintura para melhor controle dos movimentos do seu cão. Por aqui, elas são presença constante nas nossas idas à praia, desde filhote. Fora isso, a plaquinha de identificação é imprescindível numa emergência. Se o seu cão fugir, saberá a quem recorrer.

5 – Apresente o mar devagar

Filhotes normalmente costumam se assustar com o vai e

vem das ondas, então procure apresentá-las sempre com associações positivas e brincadeiras que os encorajem. No entanto, se perceber que o seu cãozinho está com medo, respeite o tempo dele. Jamais o force a fazer algo que o deixa desconfortável para atender suas expectativas ou fazer uma foto bonita no Instagram. A insistência não vale o risco.

6 – Tenha em mente que praia é ambiente com parasitas

As praias são sempre um cenário para lindas fotos, mas também para milhões de parasitas que amam areia, calor e umidade. Dessa forma, após a liberação da praia pelo médico-veterinário, converse com ele sobre a melhor indicação de antiparasitário para o seu cão.

A variedade de produtos é imensa – coleiras, pipetas, comprimidos – e o ideal é que, além da proteção contra pulgas, piolhos e carrapatos, você também opte por produtos que inibam mosquitos causadores de doenças como leishmaniose e dirofilariose.

7 – Leve um brinquedo



Já falei aqui que o tempo que você oferece para brincar com o seu cão vale mais que qualquer brinquedo, mas não deixe de levar algo que o seu filhote ama de paixão. Há brinquedos incríveis que flutuam na água (e são os meus favoritos), mas pode ser uma bolinha, um frisbee ou um boneco de vinil. Eles amam!

8 – Mantenha o kit de higiene sempre com você

Saquinho para recolher o cocô, para recolher o lixo, lenços umedecidos e, agora, álcool em gel são itens que não podem nem devem ficar afastados de você quando sair com seu cão. Afinal de contas, ninguém quer chegar numa praia suja, repleta de dejetos animais ou lixo jogado pelos humanos, né?

9 – No fim, banho e cama

Eu sei, seu filhote ficou todo sujo de areia e agora você não sabe nem por onde começar a limpá-lo. Recomendando que comece pelo bom e tradicional banho, que pode ser em casa ou num pet shop.

Cheirosinho – e provavelmente cansado –, ele vai dormir por horas e desejar a próxima aventura!